

TRABALHO DO PESQUISADOR

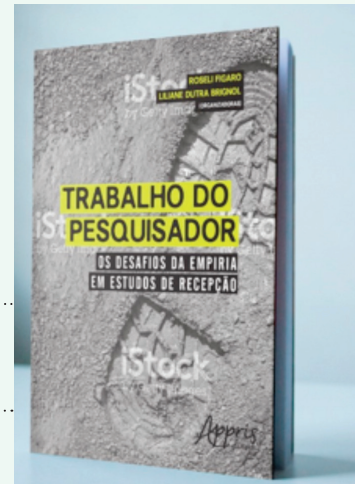
**OS DESAFIOS DA EMPÍRIA EM ESTUDOS DE RECEPÇÃO**

RESEARCHER'S WORK

*THE CHALLENGES OF FIELDWORK IN RECEPTION STUDIES*

FIGARO, Roseli &amp; BRIGNOL, Liliane D.

Curitiba (PR); Appris editora, 2017, 287 p.

**RESUMO**

O livro retrata um tipo de trabalho que nem sempre é percebido como tal e, por meio do relato de pesquisadores sobre o processo de construção de suas pesquisas, em especial os trabalhos de campo, busca desnaturalizar a atividade de trabalho do sujeito pesquisador. Os relatos e as reflexões a respeito das pesquisas demonstram que os acadêmicos estão sujeitos a dilemas semelhantes aos de qualquer trabalhador e que é preciso buscar soluções para enfrentar as dificuldades impostas pela realidade.

PALAVRAS-CHAVE: EMPÍRIA; PESQUISADOR; RECEPÇÃO; TRABALHO

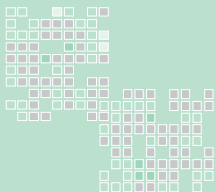
**ABSTRACT**

The book portrays a type of work that is not always perceived as work. Through researchers' reports about the process of constructing their researches, especially their fieldwork, seeks to denaturalize the work activity of the researcher. Reports and reflections on research show that academics are subject to dilemmas similar to those of any worker and it is necessary must seek solutions to face the difficulties imposed by reality

KEYWORDS: FIELDWORK, RESEARCHER; RECEPTION; LABOR

■ **Roseli Figaro** Professora da ECA-USP. Coordenadora do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho. Coordenadora (2015-2018) do GT da COMPÓS Recepção: processos de interpretação, uso e consumo midiáticos. Coordenadora da Red Latinoamericana de Estudios sobre el Mundo del Trabajo de los Periodistas, Cátedra García Marques, Ciespal. Organizadora de: *As mudanças no mundo do trabalho dos jornalistas* (2013) e *Comunicação e Análise do discurso* (2012). Autora de *Relações de Comunicação no mundo do trabalho* (2008); *Comunicação e Trabalho. Estudos de recepção* (2001).

■ **Liliane Dutra Brignol** Doutora e mestre em Ciências da Comunicação pela Unisinos (São Leopoldo-RS). Docente do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), onde integra o Programa de Pós-Graduação em Comunicação, na linha de pesquisa Mídia e identidade contemporâneas. Vice-coordenadora do GT Recepção: Processos de interpretação, uso e consumo midiáticos.



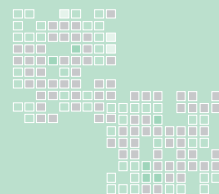
A realização de pesquisa acadêmica é uma prática que exige dos sujeitos que a realizam muito trabalho, nem sempre percebido como tal. São horas de dedicação a leituras, elaboração de planejamentos e cronogramas, contatos com sujeitos participantes e preenchimentos de documentos e formulários, que devem ser associadas a disciplina, perseverança e a uma boa dose de criatividade.

Em “Trabalho do Pesquisador: os desafios da empiria em estudos de recepção”, organizado por Roseli Figaro<sup>1</sup> e Liliane Dutra Brignol<sup>2</sup>, onze pesquisadores compartilham experiências sobre o trabalho teórico-metodológico dos estudos em recepção realizados no campo da comunicação. Mais do que apresentar resultados de pesquisa, o livro objetiva, como o apresentam as organizadoras, desnaturalizar a atividade de trabalho do sujeito pesquisador, demonstrando que, no processo de investigação científica, como em qualquer atividade laboral, decisões são feitas a partir de certos valores e objetivos do pesquisador. O livro enfatiza os diferentes elementos e percepções que envolvem o fazer pesquisa no Brasil, em especial a que exige trabalho de campo. Os textos, que não retratam apenas o contato com outros seres humanos em estado de pesquisa, fazem referência às relações estabelecidas com o cotidiano laboral e as ações e dilemas relacionados à sobrevivência do trabalho do pesquisador, vivenciadas cotidianamente por cientistas e acadêmicos.

Na apresentação desses trabalhos, a professora e pesquisadora Nilda Jacks aponta os sentidos do trabalho empírico, enfatizando que esses estudos envolvem “pelo menos dois aspectos a serem considerados: os sujeitos e grupos nas suas experiências com a mídia e a decisão sobre o grau de empiria a explorar, de acordo com o problema e o objetivo da pesquisa”. No centro da questão está o interesse do pesquisador, como se percebe pelos textos selecionados para compor o livro, em que se problematizam as técnicas, os procedimentos, as escolhas metodológicas e o próprio conceito de recepção.

Há um árduo trabalho de criação e realização na atividade humana de pesquisa, capaz de transformar a natureza e o próprio pesquisador/cientista ao longo do percurso de seu mestrado e/ou doutorado. Roseli Figaro demonstra que todo trabalho está envolto em “saberes instituídos e saberes investidos” e que a chave de toda pesquisa está na pergunta problema, “que é antecedida pela aquisição dos saberes instituídos por meio das teorias do campo da comunicação” e vai ser complementada pelo trabalho de campo. As experiências pessoais relatadas por Figaro revelam os dilemas que envolvem as decisões e situações no cotidiano da pesquisa empírica, ou “as dramáticas do uso de si” como afirma Yves Schwartz<sup>3</sup>, em três ocasiões distintas: em reunião com um diretor de recursos humanos de empresa multinacional, vivendo o desafio de conseguir a aprovação dos trabalhadores para lhes aplicar o questionário e realizando as entrevistas no local de moradia dos trabalhadores. Trata-se de relato de experiências ímpares e fundamentais para a reflexão sobre o processo de trabalho do pesquisador em estudos de recepção.

Esses dilemas também foram vividos por Ismar Capistrano Costa Filho, que confessa

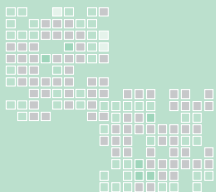


nunca antes ter encarado o trabalho do pesquisador como atividade de trabalho: “A ausência de empregador, salário e horário de expediente talvez me desse essa impressão”. No entanto, é no relato das agruras vividas em sua pesquisa de doutoramento, realizada em outro país, que está a riqueza do texto. Ele percebe que a exploração “é o momento de conexão com um mundo que deve estar além das construções simbólicas anteriormente concebidas” e demonstra que a vida real suplanta de forma avassaladora os planejamentos e pré-conceitos acadêmicos, e que “o principal desafio se constitui em tirar a tolerância e a alteridade dos conceitos abstratos para transformá-los em ações que promovam a coabitação, colaboração e solidariedade nas diversas circunstâncias da pesquisa”.

O terceiro texto, de Valquíria Michela John, relata o trabalho de pesquisa no ambiente prisional, que a fez “atravessar os portões e se despir dos próprios preconceitos” em um lugar onde “o tempo corre lento demais”. Ela relata a experiência de duas pesquisas (mestrado e doutorado) com configurações distintas - dos métodos de coleta de dados, aos entrevistados e objetivos - mas que trazem a mesma “dura missão de ter que reportar experiências, relatos de vida em um texto; narrar o que, na maioria das vezes, foi tão complexo de ouvir e de sentir”. A autora revela a necessária sensibilidade para escolher a configuração mais adequada a cada situação de pesquisa, adotando diferentes métodos e procedimentos para conseguir retratar uma realidade invisível do outro lado dos muros.

A reflexão metodológica também compõe parte significativa do texto de Lírian Sifuentes que vai reafirmar a importância as escolhas, “que nem sempre são as ideais, mas as possíveis e, se possível, as melhores, em dado contexto”, e desconstruir outras, como as receitas sobre entrevistas em “espaços acolhedores, silenciosos, minimamente íntimos e que em nenhum caso o espaço deve ser o espaço produtivo”, na busca por compreender como mulheres trabalhadoras de classe média, média-baixa e baixa se relacionam com a telenovela. A diversidade de instrumentos de coleta de dados, de formulário à observação da assistência à novela, passando por entrevistas e observação de páginas pessoais em redes sociais, demonstra a complexa combinatória metodológica necessária às pesquisas de recepção. São instrumentos que servem para “iluminar o objeto” e que, vistos em perspectiva reflexiva, possibilitaram à autora discutir e refletir sobre o seu percurso e suas escolhas acerca dos aspectos metodológicos da pesquisa empírica.

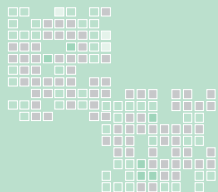
O capítulo escrito por Liliane Dutra Brignol retrata os desafios enfrentados por uma pesquisa que lida com o estranhamento de compreender quem é estrangeiro no Brasil, as dificuldades como diferenças culturais, e a barreira linguística e a vigilância “para que as percepções empíricas não fossem resumidas ao reforço das diferenças, já tão marcadas no convívio social dos migrantes tanto nos espaços urbanos em que vivem quanto na mídia nacional e local”. Em seu intento, Brignol se aproxima de alguns pressupostos da etnografia “em sua tripla acepção com enfoque, método e texto e demonstra a necessidade de reconhecer e refletir sobre as diferenças, sem negá-las”, mas incorporando “a dimensão reflexiva como elemento essencial no processo de produção do conhecimento”. Ela também relata as diferentes formas que adotou para conseguir e registrar as narrativas dos migrantes em suas relações com aspectos identitários e de interculturalidade.

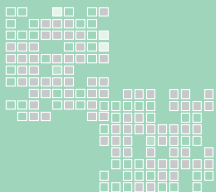


Livia Saggin e Jiani Bonin assinam o sexto capítulo, único a tratar de pesquisa participante, que ambas compreendem como pesquisa ação/intervenção, uma das formas de investigação empírica nas pesquisas em comunicação. Elas defendem que “as decisões tomadas pelo pesquisador durante a pesquisa, ou seja, as escolhas dos caminhos trilhados, são cruciais e determinantes para o conhecimento que dela emerge”. Diferentemente dos demais, as autoras se propuseram a fazer uma “colheita” e não uma coleta de dados, nos termos de Passos e Barros<sup>4</sup>, considerando que deveriam estar próximas dos sujeitos investigados e do contexto de investigação/comunicação, com o objetivo de “provocar processos instigantes, alimentados por discussões sobre valores cidadãos, que abram aos sujeitos olhares distintos sobre a produção e apropriação midiática cotidiana”, elas relatam as questões relevantes de se inserir explicitamente no universo pesquisado. Destaca-se a preocupação das pesquisadoras em “fazer emergir nos sujeitos o sentimento de pertença a elaboração do conhecimento científico” rompendo com o lugar privilegiado do pesquisador em relação ao objeto.

O texto de Juliana Doretto apresenta as dificuldades de se fazer um trabalho empírico com crianças e nos coloca alguns questionamentos sobre até que ponto o abandono de parâmetros indicados para a pesquisa acadêmica compromete o resultado do trabalho de pesquisa. Não ter o número de investigados considerado suficiente/necessário, nem o tempo desejado ou o local adequado são significativos ou isso depende da visão do pesquisador e da forma como ele trabalha com os dados? Isso deveria motivar a revisão da pesquisa, que se alongaria, ou o prazo de entrega é determinante? Nas entrelinhas percebe-se os constrangimentos a que os pesquisadores são submetidos na realização da pesquisa. Foi driblando ou respondendo parte dessas questões que a autora desenvolveu seu trabalho que, como ela mesma diz, “não se trata de uma investigação sem desvios, fraquezas ou deficiências”, do mesmo modo que “não se trata de uma pesquisa não reflexiva”. Outro aspecto que merece destaque são as observações da autora quanto à necessidade de ajuste do olhar e da postura do pesquisador em relação às diferenças entre uma investigação feita com adultos, em relação ao estudo realizado com crianças, que ainda estão em fase de desenvolvimento de suas habilidades de argumentação.

Marcelo Santos narra com desenvoltura os percalços de uma pesquisa de recepção que, por falta do corpus empírico, quase se perdeu e como a empiria é um desafio que não pode ser subestimado pelo pesquisador. Os problemas com a compreensão dos entrevistados sobre o fazer pesquisa é, inclusive, um dos pontos fortes do seu texto, que partilha com o leitor as angústias, a criatividade e a necessária humildade para conseguir realizar sua tarefa. A dificuldade de encontrar participantes para a parte empírica do trabalho, o desafio de reformulação da parte teórica e de reflexão sobre os conceitos, a mudança do projeto original, redirecionando-o para o estudo de um novo grupo, enfim, “as muitas dificuldades de se conduzir estudos empíricos, obstáculos repetidas vezes invisibilizados em artigos, capítulos e livros acadêmicos.” Obrigada a desistir de todo o material que coletou após os sujeitos da pesquisa retirarem o consentimento para





participação no estudo, o autor também ressalta o papel fundamental exercido pelo professor-orientador no diálogo e indicação dos rumos que o trabalho deve/pode seguir.

O percurso metodológico na realização de metapesquisa é apresentado por Rafael Grohmann, no capítulo que aborda a empiria do trabalho do pesquisador e não da pesquisa, “colocando em evidência os dilemas da atividade real de trabalho, com suas normas, prescrições e renormalizações”. Grohmann não foi a campo para entrevistar pessoas ou observar suas relações com as mídias, mas realizou um minucioso trabalho de pesquisa em diferentes acervos. O autor partilha com o leitor a metodologia utilizada no estudo teórico documental, as estratégias de categorização de dados e escolhas que fez no caminho seguido por sua pesquisa de doutorado, que buscou “compreender a questão das classes nos estudos de recepção”.

O livro encerra com o texto de Antônio Fausto Neto, cujo objetivo foi “promover uma reflexão sobre algumas injunções do funcionamento da sociedade em midiatização, sobre elementos empíricos-conceitualizantes que se reportam à existência e ao funcionamento da recepção”. Para tanto, o autor discute a interrelação entre as esferas da produção e da recepção no contexto social midiatizado e busca ampliar o conceito de recepção a partir de Eliseo Verón, realizando uma análise do leitor imaginado do jornal Folha de S. Paulo a partir de um anúncio institucional veiculado no corpo de edições do jornal.

Em “Trabalho do Pesquisador” os autores partilham suas experiências particulares de pesquisa e, também, as combinações metodológicas empregadas por eles na realização de seus estudos de recepção, sendo uma importante referência para os sujeitos pesquisadores que vivem o desafio da investigação empírica. O livro revela quanto de trabalhador comum existe nos pesquisadores, retratando o uso que eles fazem de si e que os outros fazem deles na realização da pesquisa de campo, o enfrentamento das dramáticas do cotidiano e o uso da criatividade, fundamental para a realização da atividade de trabalho. Também se evidencia o quanto o trabalho acadêmico, aparentemente solitário, é coletivo, comprovando que sempre se trabalha com o outro, o que faz da comunicação um elemento essencial para a sua concretização.

#### **Resenhistas: Janaina Visibeli Barros<sup>1</sup> João Augusto Moliani<sup>2</sup>**

1 Doutoranda e mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP (2010). É professora da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), na unidade de Divinópolis. Pesquisadora do Centro de Pesquisas em Comunicação e Trabalho (CPCT/USP) e coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas das Poéticas do Cotidiano (EPCO), da UEMG. E-mail: jvisibeli@gmail.com

2 Doutorando no PPGCOM da ECA/USP e membro do Centro de Pesquisa de Comunicação e Trabalho (CPCT/USP). É mestre em Linguística (2001) e graduado em Comunicação Social/Jornalismo (1992), ambos na UFPR. É professor-adjunto licenciado na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)